

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

AS VARIAÇÕES DE HONG SANG-SOO

11 de Dezembro de 2019

# BAM GUA NAT / 2008

## NOITE E DIA

*um filme de HONG SANG-SOO*

*Realização, Argumento:* Hong Sang-soo *Fotografia:* Kim Hoon-kwang *Montagem:* Hahm Seong-won *Interpretação:* Kim Yeong-ho (King Seong-nam, um pintor), Park Eun-hye (Lee Yoo-jeong, uma estudante de pintura), Hwang Su-jeong (Han Seong-in, a mulher de Seong), Kim Yu-jin (Jang Min-seon, ex-namorada de Seong), Seo Min-jeong (Han Sung-in), Gi Ju-bong (Mr. Jang), Seo Min-jeong, Lee Sun-kyun, Lee Jeong-hoon, etc.

*Produção:* B.O.M. Film Productions Co. (República da Coreia, 2008) *Produtores:* Kang Dong-Ku, Kim Ellen, Oh Jung-Wan *Cópia:* Leopardo Filmes, digital, cor, legendada em português, 145 minutos *Primeira apresentação:* 12 de Fevereiro de 2008, no Festival Internacional de Cinema de Berlim *Estreia comercial em Portugal:* 27 de Maio de 2010 *Primeira exibição na Cinemateca:* 28 de Janeiro de 2019 (“70 Anos, 70 Filmes 2ª Parte: 35 Histórias do Cinema Contemporâneo”).

### NOTA

NOITE E DIA vai ser apresentado no formato digital disponível na distribuição portuguesa, sem uma qualidade de projecção exemplar.

---

É noite em Paris quando é dia em Seul, e vice-versa. Vem daí o título da oitava longa-metragem de Hong Sang-soo, quase inteiramente rodada em Paris, mas uma Paris de ruas e esquinas vulgares, habitadas pela comunidade sul-coreana em que circula Kim Seong-nam. Tal como sucede no mais recente LA CAMÉRA DE CLAIR (2017), por exemplo, em que Cannes, onde foi filmado durante o festival de cinema do ano anterior, quase parece mais coreana que francesa, apesar dos croissants e de Isabelle Huppert (Claire) protagonizar o filme ao lado de Kim Min-hee (Kim), num regresso ao cinema do realizador coreano depois de NOUTRO PAÍS (2012). Também há croissants em NOITE E DIA, e cafés. Menos soju do que na maior parte dos outros filmes de Hong Sang-soo, em que as personagens bebem normalmente muito álcool de mesa em mesa em pequenos restaurantes e cafés, ao correr dos dias e das noites das suas vidas quotidianas e comuns problemas humanos. Os “contos morais” de Hong Sang-soo, que os ocidentais passaram muitos anos a associar a Eric Rohmer, são definitivamente dele.

O prolífero cinema de Hong Sang-soo, de produção intensa nos últimos anos, tem sempre alma coreana e ambiente coreano. Onde quer que a acção se situe, os filmes tratam “do mesmo”, não se desviam do que é familiar ao realizador, compondo, título a título, o corpo de uma obra única de traços recorrentes e repetições, variações sobre os mesmos temas, regressos ao mesmo tipo de conflitos. Os dos homens e das mulheres, olhados com uma dose de dramatismo e desdramatização, um discreto sentido de humor e muita empatia, sejam as personagens mais ou menos admiráveis, mais estimáveis (normalmente femininas) ou mais patéticas (frequentemente masculinas). A todas a câmara dispensa em regra o mesmo tipo de atenção, como a oferece aos planos desabitados no sentido em que a mesma consideração é dada aos “pequenos” e “grandes” acontecimentos dentro dos planos, que a dada altura da filmografia de Hong passam a ser marcados por um expressivo uso do zoom e dos movimentos panorâmicos, destacando determinado elemento ou acção ou carga emocional no interior do quadro. Pode acontecer no zoom que mostra um inesperado passarinho a saltitar no chão do aeroporto para cá da vidraça da sala de embarque, ou no movimento de câmara ascendente que deixa a rapariga em soluços nos banhos públicos para mostrar o vulto do focinho de porco que se atira violentamente contra um vidro embaciado pelo vapor lá em cima. É um momento bastante surreal, a lembrar o título da primeira longa-metragem de Hong em 1996, “O DIA EM QUE O PORCO CAIU A UM POÇO”, embora os planos seguintes esclareçam a origem onírica desse suposto surrealismo.

NOITE E DIA foi o primeiro filme que o realizador sul-coreano rodou fora do seu país (foi também o primeiro dos poucos que estrearam em Portugal), porventura apelando à experiência do ano vivido na capital francesa em

1991. Mas, como disse, sabemos sempre que estamos num filme de Hong Sang-soo e este seu “filme parisiense” é essencialmente tão sul-coreano como os demais. Ou seja, tão Hong Sang-soo como sempre. A parte final decorre na Coreia, mas é à porta de um aeroporto francês que a acção arranca, com um bizarro encontro entre dois fumadores (também há sempre muito cigarros), daí passando para o 14º bairro da capital e para as imediações de um pequeno hotel de quartos colectivos na Avenida Villemain (no qual o protagonista se instala entre conterrâneos), onde também ficam um café de bairro e a boca de metro de Pernety. Não há nenhuma pulsão postal ilustrado, nenhuma tentação turística no filme, nem durante a ida ao Museu d’Orsay para observar *A Origem do Mundo* de Courbet, resumida ao plano oblíquo que fixa Seong-nam e uma amiga de costas a olharem o quadro na parede, no plano de fundo do enquadramento. Também não há pulsão desse género na incursão à praia de Seong-nam e da sua jovem paixão, Deauville sem Trintignant. De mochilas às costas e sacos coloridos de plástico fino nas mãos, as personagens circulam introspectivas, medidas nas suas vidas. Às vezes exaltam-se em diálogos que reflectem os desentendimentos que ocupam a narrativa, e até gritam com pouca contenção verbal como aqui acontece.

O protagonista de NOITE E DIA foge para Paris ao medo da polícia sul-coreana por causa de um episódio de consumo de marijuana, de que dá conta uma legenda inicial. A mulher fica em Seoul e falam-se ao telefone com os horários trocados. Ele sente a falta dela, e daí vai um passo até aos encontros com outras mulheres, uma ex-namorada que não reconhece à primeira vista e que acaba por tratar com tão pouco cuidado como dantes, uma amiga, e uma jovem estudante de belas-arts, pintora como ele, de quem (não?) se despede com a mesma falta de jeito nas relações humanas. É com ele, Seong-nam, que o filme segue, numa progressão que implica cortes, quebrando o fluxo narrativo. O off dele – que se perde na parte final –, corresponde à série de capítulos que estruturam o filme como entradas de um diário. São dois meses da vida dele, de 8 de Agosto a 12 de Outubro, dados em cerca de 30 entradas, num Verão e Outono de tons nublados.

Há muitas nuvens neste filme, naturalistas e pintadas, o que se justifica pela meteorologia e, por outro lado, porque as nuvens são o motivo pictórico dos quadros de Seong-nam, que nunca vemos pintar. É um homem corpulento cuja maturidade emocional não demonstra a mesma solidez do seu tipo físico e alguém de quem se pode dizer andar com a cabeça nas nuvens. O estranho primeiro encontro com o transeunte francês no aeroporto acaba com um aviso, “Tenha cuidado por cá”. O “fugitivo” talvez se esqueça e enreda-se nos sarilhos para os quais o acaso o vai puxando, e os amores, a que vai prometendo estar à altura. O momento em que quebra, uma cena de choro convulsivo em plena rua, é motivado pelo conhecimento de uma desgraça, a que pode estar associado um sentimento de culpa, e explicado ao amigo que o consola pelo episódio anterior de zanga com um rapaz norte-coreano que conhece em casa de amigos, desencadeando uma reacção intempestiva. É um “apontamento político” invulgar na obra de Hong Sang-soo, que o há-de rematar pela reconciliação e uma cena temperada ao jogo do braço-de-ferro, de que há outros exemplos em filmes posteriores.

O título de NOITE E DIA não convoca a canção de Cole Porter antes trazendo a 7ª Sinfonia de Beethoven para a banda musical, também ela um motivo reconhecível na obra de Hong. Já a sua implicação dupla está vertida no filme, em que há várias vezes “duas vezes”, sejam duas sequências no aeroporto, sejam dois anúncios de gravidez. A duplicidade é, aliás, um motivo importante no filme em que muito se mente, e em que as mentiras, pequenas mentiras, aldrabices e talvez mentiras que as próprias personagens tomam por verdades, não são um exclusivo de ninguém. Participam da verdade de cada um: o pintor que vai mentindo à medida da sua incapacidade para resolver as coisas de outra maneira, a rapariga de quem se fica a saber que aldrabou na escola, a mulher do pintor que se socorre de uma peta para o fazer apanhar um voo de regresso a casa. Mas a noite e o dia continuam de horários trocados, Paris ficou em Paris, mas não saiu da cabeça de Seong-nam quando o filme o deixa nos braços da mulher movendo-se a câmara para, de novo, fixar a imagem das nuvens pintadas em cima da cama deles.

Não se ouve, mas até podemos lembrar-nos sem que possa esclarecer-se o que a toada significa para o protagonista, “Day and night / Why it is so / That this longing for you / Follows wherever I go”.